

MORENO, M. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola.* São Paulo: Moderna, 2003. 80 p.

*Joice de Souza Freitas Silva*¹
*Almiralva Ferraz Gomes*²

O livro *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*, de Montserrat Moreno, publicado em 2003 pela editora Moderna, é organizado em três capítulos. A autora é Doutora em Psicologia e realiza pesquisas relacionadas à questão do gênero na temática educacional e à luta contra a discriminação das mulheres. Nesse livro, ela apresenta, de forma crítica, a releitura do papel da escola na formação dos seres feminino e masculino, ao longo do seu desenvolvimento físico, mental e psicológico.

Para comprovar o pressuposto de que a escola representa um papel de segregadora do sexismo, a autora analisa os discursos presentes nos livros didáticos e a forma como os conteúdos são expostos. Apesar de ser um estudo realizado na Espanha, essa realidade também se aplica ao Brasil. O estudo revela como meninos e meninas recebem estímulos diferenciados, de forma que as meninas são estimuladas a desempenhar

¹ Graduanda em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Grupo de pesquisa: Empreendedorismo e Desenvolvimento. E-mail: joiceadmuesb@gmail.com

² Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professor Adjunto com Dedicção Exclusiva da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Grupo de pesquisa: Empreendedorismo e Desenvolvimento. E-mail: almiralva@gmail.com

papéis diferentes dos papéis dos meninos. Em outros termos, nessa perspectiva, traça-se um perfil da mulher como um ser sensível e submisso.

Ademais, nossa forma de pensar tem influências da sociedade a que pertencemos. Se vivemos em uma sociedade em que a cultura dominante é a patriarcal, tendemos a tomar isso como verdade e a partilhar desses valores e pensamentos. Como consequência desse modelo, temos o androcentrismo, ou seja, o homem como centro. Essa visão androcêntrica não é partilhada apenas pelos homens, mas também pelas mulheres, em decorrência da internalização das influências recebidas pelo meio, tendo em vista que o ambiente pode ser caracterizado como um dos principais transmissores de tais costumes. Dessa forma, o patriarcalismo idealiza o ser feminino como inferior ao masculino. Em outras palavras, o homem exerce um papel de dominador. Assim, quando criança, a mulher pertence ao pai e aos irmãos; quando adulta, casa-se e passa a pertencer ao marido.

A discussão da autora tenta mostrar que essas relações têm origem no processo de construção da sociedade. As mulheres restringem-se a desempenhar as atividades do lar, ou seja, na esfera privada e a todo momento são bombardeadas com estímulos que reforçam essa concepção da realidade. Na escola, as meninas recebem muitos desses estímulos, pois são incentivadas, de forma consciente, ou não, a serem dóceis e amáveis. Aliás, suas brincadeiras são diferentes das dos meninos, pois estes são estimulados de forma completamente diversa.

Desde o nascimento, recebemos influências sociais que nos condicionam a assumir uma divisão de papéis e a aceitá-los como verdade. As meninas têm um enxoval rosa, recebem presentes delicados, bonecas e utensílios de cozinha. Os meninos têm um enxoval azul, cor escolhida pela sociedade moderna para representar o masculino. Além disso, eles recebem brinquedos que estimulam a criatividade e, sobretudo, a agressividade, uma vez que, nas brincadeiras, desempenham o papel de heróis fortes e invencíveis.

Montserrat Moreno defende que a escola corrobora esse pensamento direta e indiretamente, esclarecendo o significado de ser menina e ser menino, pois à medida que revela, de forma indireta, as condutas esperadas de uma menina, ensina os meninos a se comportarem como tais. Portanto, a instituição de ensino desempenha uma dupla função: a formação intelectual e a formação social dos indivíduos. A autora faz uma crítica a essa formação quando se refere ao “adestramento nos próprios modelos culturais”. Para ela, quando os educadores se comprometem a ser somente reprodutores do modelo cultural estão prestando um favor à sociedade, ao reforçar os papéis construídos socialmente como femininos ou masculinos. Assim, a escola deveria criticar toda forma de discriminação da mulher para não se tornar cúmplice e transmissora do androcentrismo.

Embora exerça um papel importante, a escola não se apresenta como única responsável e transmissora do pensamento segregacionista. Com base na análise dos conteúdos tidos como “científicos”, nos quais deveria prevalecer a neutralidade, Montserrat Moreno percebeu parcialidade de várias formas. Uma que chamou bastante sua atenção foi a das imagens de muitos livros didáticos. Para ilustrar as atividades desempenhadas na esfera privada e na esfera pública, por exemplo, utilizou-se a figura da mulher cuidando da casa. Na legenda, havia a seguinte observação: “A mãe faz a comida”. Para representar a esfera pública, utilizaram imagens de homem trabalhando. Essas mensagens transmitem a seguinte ideia: a mulher cuida do lar enquanto o homem é o provedor do lar. Outros exemplos sugerem a fragilidade feminina, como a imagem de uma mulher subindo em uma cadeira e berrando com medo de um rato. As críticas demonstram que os propagadores do androcentrismo atribuem aos homens (macho) todos os feitos históricos, como por exemplo, a invenção das armas, do fogo, de objetos de cerâmica, etc. Contudo, a autora do livro relata que estudos mais avançados em história atribuem muitas invenções à mulher. Se os homens se ocupavam da caça e a elas cabia o cuidado com a casa, com a colheita dos frutos e com os filhos, há fortes indícios de que as mulheres desenvolveram ferramentas para auxiliá-las na realização de tais atividades.

Assim, existe literatura que levanta questionamentos sobre essa posição masculina. A pergunta é: como os homens poderiam desenvolver todas essas facilidades se passavam muito tempo caçando e se quem realizava tais trabalhos eram as mulheres? Moreno salienta, no entanto, que a visão androcêntrica é responsável por atribuir ao homem todos os grandes inventos.

O androcentrismo cultural reflete elementos despercebidos da nossa sociedade devido à visão universalista com a qual estamos acostumados e à falta de preocupação em questionarmos o porquê dessa situação. Isso se evidencia na linguagem, a partir do processo de aquisição da fala, momento em que se aprende que, em decorrência do sexo, há formas diferenciadas de se dirigir às pessoas. Dessa forma, algumas expressões podem confundir a cabeça das crianças: em alguns momentos, se utiliza o termo homem para referir-se a ambos os sexos, em um contexto geral; em outros, se utiliza o termo homem para se reportar apenas ao sexo masculino.

A autora destaca que mulher não tem história, visto que a ambiguidade permitida à palavra “homem” é de grande auxílio para autores e autoras de livros androcêntricos. Porém, segundo Moreno, uma observação atenta dos textos de história pode revelar que, na maioria das vezes, quando se vê o termo “homem”, este se refere ao ser do sexo masculino e não aos dois sexos. Essas informações são internalizadas no subconsciente e deixam a mulher em segundo plano, como um ser inferior. Ao tratar da luta dos cidadãos de Atenas para governar a si mesmos, a autora refere-se ao descaso explícito com a mulher, pois, todos tinham o direito ao voto, mas a referência a “todos” não incluía as mulheres nem os escravos. Assim, um texto cuja função é educar, cria estereótipos.

Essa difusão de estereótipos interfere, inclusive, no ensino de algumas matérias. Por exemplo, professores e professoras têm ideias formuladas a respeito do desempenho de meninas e meninos com relação à matemática. Acredita-se que as meninas têm melhor desempenho nas atividades relacionadas à compreensão de textos porque compreendem

bem os problemas matemáticos e os meninos sobressaem-se em atividades de raciocínio e de lógica. A autora questiona a forma milagrosa com que, muitas vezes, os meninos conseguem resolver questões matemáticas, apesar de não compreendê-las bem. Essa ideia também denigre a imagem dos meninos, pois os rotula de descuidados. Portanto, meninas e meninos estão propensos a sofrer com rotulações preestabelecidas e difundidas principalmente nas escolas.

No segundo capítulo, intitulado “O código secreto”, a autora aborda a contribuição permanente das escolas no desenvolvimento de padrões e da organização. Dessa forma, professoras e professores tendem a reprimir e a desconsiderar tudo que é feminino. Não obstante essa negação, os educadores e educadoras que se consideram mais experientes, com o intuito de evitar a discriminação, oferecem um modelo único a ser seguido. Tal modelo é, no entanto, o mais aceito socialmente, ou seja, o masculino, em detrimento do modelo feminino, pois a sociedade nem sempre sente a necessidade de criar um modelo que possa integrar as qualidades de meninas e meninos. Quando se assume um modelo único de conduta, anulam-se os demais e reprime-se a diversidade de comportamentos do ser humano de modo a impedir que ele se expresse. A autora sugere a adequação de esquemas comportamentais. Em tais esquemas, as pessoas poderiam expressar-se livremente, sem que a adesão a um ou a outro modelo implicasse limitações e preconceitos atribuídos tanto para o sexo feminino quanto para o masculino.

O terceiro e último capítulo, “A outra face da educação”, revela que a mulher vem ganhando maior representatividade na sociedade. Aquela imagem da dona de casa cuidando dos filhos e de única consumidora de produtos de limpeza passa por mudanças. A imagem de uma família moderna, com divisões das tarefas do lar e do cuidado com os filhos, e a visão de uma mulher independente fazem parte da atual conjuntura, embora tais representações estejam apenas associadas à venda de produtos que facilitam essa “vida moderna”. Mostrar uma mulher conquistando seu espaço ou um homem dividindo atividades domésticas torna-se conveniente quando se trata de vender produtos, ou seja, o fator

motivador aqui é o lucro e não a adequação a novos modelos. Contudo, é necessário reconhecer de que forma as mudanças vêm ocorrendo, sobretudo nas escolas e nas organizações de modo geral, no intuito de rever e questionar tais discursos sexistas, pois é nesses espaços que os seres humanos passam boa parte de suas vidas.

Da forma como a educação é conduzida, a criança internaliza muitas influências dessa sociedade androcêntrica de modo a criar uma imagem individual do mundo. Entretanto, a escola não deve permitir que meninas e meninos aceitem essa forma de pensar da nossa sociedade. Para tanto, a autora do livro em questão apresenta possibilidades quanto a uma nova forma de educar que valoriza a expressão de alunos e alunas, pois entende que o papel das escolas, representadas pelas professoras e professores, é promover debates em sala de aula, provocar, incentivar os alunos e alunas a pensarem de forma diferente, a não aceitarem como verdade tudo que lhes é apresentado e, além disso, a respeitar o que é diferente e desfrutar das riquezas advindas da diversidade.

Desse modo, faz-se necessário analisar, em sala de aula, os discursos apresentados nos livros, nos meios de comunicação em geral, de maneira a reavaliar os modelos (feminino e masculino) descritos. Além disso, é importante considerar que as histórias poderiam ser reescritas pelos próprios alunos e alunas com perspectivas diferentes. Assim, eles poderiam conhecer a percepção de pessoas mais velhas que tenham visões diferentes dos fatos descritos nos livros. Tal proposição defende então, uma análise antiandrocêntrica, ao compreender que um mesmo acontecimento permite múltiplas interpretações.

Por fim, a escola é descrita como uma representação da sociedade, pois as pessoas passam boa parte de suas vidas nela. Tendo em vista que a educação, principalmente infantil e de nível fundamental, está concentrada nas mãos de mulheres, Moreno levanta o seguinte questionamento: “Até quando vamos repetir docilmente a lição que nos ditam?” A psicóloga defende a premissa de que é necessário construir um idioma no qual não se negue às meninas sua identidade sexolinguística, afirmando o feminismo e oferecendo aos meninos a oportunidade de

se expressarem, de não reprimirem seus medos e fragilidades, de modo a não colocarem em dúvida sua virilidade. A escola, sozinha, não pode transformar a sociedade, mas pode apresentar novas possibilidades, assim como promover a abertura de caminhos, de forma a promover a compreensão de que os seres humanos são dotados do poder de fazer escolhas.

A leitura e reflexão sobre as questões levantadas nesse livro se fazem importante para professoras e professores, para todos aqueles que estão envolvidos no processo de educação, e também para os formuladores de opinião e de políticas públicas, inclusive os entes organizacionais, pois o ser humano é um homem organizacional: nasce, vive e morre em organizações. Daí, depreende-se também a importância das discussões levantadas sobre tal temática, elas podem e devem ser levadas em conta no campo de estudos das Ciências Sociais Aplicadas, especificamente na área de Estudos Organizacionais. Nas organizações, homens e mulheres constroem-se enquanto sujeito social, não só influenciados pelo meio, mas também construindo o próprio meio no qual estão inseridos. Assim, a proposta de Montserrat Moreno e o debate apresentado por ela tornam-se importantes tendo em vista que a educação é um processo presente em todas as dimensões humanas.

Desse modo, é fundamental a reflexão sobre a forma sutil, em muitos casos subliminar, com que o androcentrismo está presente em nosso cotidiano e a maneira como as heranças da sociedade patriarcal estão enraizadas em nosso meio, fazendo-nos considerar tudo como natural e não questionar por que não pode ser diferente.

Recebido em: junho de 2013

Aprovado em: outubro de 2013